

**UM ESTUDO SOCIOCULTURAL DE MULHERES DO CAMPO DA PONTE ALTA – DF, ATRAVÉS DA TESSITURA DO CROCHÊ**

Elizabeth Tavares de Gonzaga[[1]](#footnote-1)

Regina Coelly Fernandes Saraiva[[2]](#footnote-2)

## GT 04: RE-EXITÊNCIAS E EMERGÊNCIAS: AS PRÁTICAS E EMERGÊNCIAS: AS PRÁTICAS SOLIDÁRIAS E TRANSFORMADORAS DAS MULHERES DO CAMPO, DAS FLORESTAS, E DAS ÁGUAS NUM MUNDO DE CRISES

**RESUMO**

A presente pesquisa propõe um estudo sociocultural sobre a terra e mulheres do campo da Ponte Alta do Gama, Distrito Federal. Território que faz parte da história da construção de Brasília antes mesmo da inauguração da Nova Capital, por ser uma área rural que produzia alimentos para os moradores e novos trabalhadores que viriam para o DF. Hoje essa comunidade se diversificou em seus modos de trabalho como sujeito do campo e muitos não vivem mais do cultivo da terra. E diante dessas mudanças sociais, políticas e econômicas vivenciadas nesta área, o objetivo da pesquisa será analisar os impactos nas trajetórias de vidas das mulheres do campo e os diálogos que estabelecem com as condições deste território no contexto atual. A coleta de dados ocorrerá através de entrevistas abertas e flexíveis durante oficinas de Crochê, em que as mulheres possam relatar suas histórias de vida resgatando memórias sobre o território e a terra. O crochê não será utilizado como forma de geração de renda, mas sobretudo para que as mulheres sejam ouvidas, e quem sabe se identifiquem e queiram produzir artesanato através de suas habilidades manuais, como expressão cultural, artística e política e a partir dali possam se empoderar buscando sua emancipação financeira.

Palavras-chave: rural, mulheres, crochê, Distrito Federal, Ponte Alta

**INTRODUÇÃO**

Minha trajetória com o meio rural iniciou-se em 1997, quando fui admitida na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEDF, como professora regente da Educação Básica, sendo lotada em uma escola do campo.

Em 2018 a Secretaria de Educação do DF em parceria com a Universidade de Brasília - UnB realizou o curso de aperfeiçoamento Escola da Terra, o qual participei como cursista nas duas edições ofertadas, logo depois passei no processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação (especialização) Escola da Terra[[3]](#footnote-3), tendo como linha de pesquisa os desafios e avanços nas relações do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá - CEFTAM com a comunidade camponesa da Ponte Alta do Gama. Foi a partir desse momento que despertou em mim o desejo em pesquisar as conexões e relações sociais, culturais, financeiras e históricas das mulheres do campo desta área rural e foi possível observar durante rodas de conversas, que as mulheres da comunidade demonstraram grande interesse em realizar trabalhos artesanais, culturais e socioambientais como forma de expressão e geração de renda, porém evidenciou-se que são desejos individuais de muitas pessoas que não praticam nenhuma técnica manual de artesanato. Na comunidade também não há locais específicos ou projetos voltados para as áreas sociais e culturais, que possam aprender e desenvolver suas habilidades individuais através da organização coletiva do trabalho.

Diante das dificuldades apresentadas pelas mulheres do campo da Ponte Alta a proposta deste trabalho será estudar suas histórias de vida utilizando-se do trabalho artesanal como forma de emancipação feminina, podendo ser um mecanismo de geração de renda, que possam se reunir coletivamente para troca de experiências, reavivar conhecimentos e tradições populares e principalmente para que possam ter seu trabalho como mulher camponesa valorizado.

**DESENVOLVIMENTO**

A comunidade da Ponte Alta do Gama no Distrito Federal (DF) faz parte da história da construção de Brasília, antes mesmo da inauguração da capital, quando foram estabelecidos os marcos de delimitação da área do Distrito Federal. A área do território foi destinada nesta época a agropecuária com foco na produção de alimentos para os futuros moradores e trabalhadores da Nova Capital do Brasil. Ao longo do tempo essa destinação inicial da terra foi se modificando, abrindo espaços para novas formas de trabalhos assalariados e o uso da terra também já não é exclusivo à produção rural.

De acordo com dados da CODEPLAN (2020) a Ponte Alta do Gama está situada em uma das regiões de menores renda per capitar do Distrito Federal, com renda variando de R$ 500 a R$ 2000, informação que constata as dificuldades de acesso ao trabalho e produção de renda para sobrevivência das famílias desta área. Essa comunidade se diversificou em seus modos de trabalho como sujeito do campo e muitos não vivem mais do cultivo da terra. Algumas famílias, principalmente durante e pós-pandemia de COVID19[[4]](#footnote-4) se encontram desempregados, em insegurança alimentar, alguns recebendo auxílios de programas sociais do governo, e quando não os conseguem, pedem auxílio financeiro aos servidores da escola pública Centro de Ensino Fundamental Tamanduá[[5]](#footnote-5) do Gama (CEFTAM), ou de outros membros da própria comunidade para se alimentarem.

Diante dessa realidade econômica, política, social, que assola todo o Distrito Federal, sendo mais impactante no meio rural, localidade que são desafiados a sobreviver em meio a expansão do agronegócio e suas monoculturas; e das grilagens de terras, que de acordo com Costa (2022) é incentivada pelo ganho de capital:

Esse capital é que traz sentido à criação do parcelamento irregulares. Isso porque a valorização dos lotes decorrente da consolidação dos condomínios motiva inúmeros indivíduos a comprarem os lotes irregulares. Os terrenos da região da Ponte Alta- Gama, por exemplo, são vendidos por um valor médio de R$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais). Após a consolidação do condomínio, o valor médio do terreno é de 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais). Esse valor ultrapassa, muitas vezes, o preço de uma casa na região urbana do Gama-DF. (COSTA, 2022, p. 143)

Assim retira direitos do sujeito do campo levando-o cada vez mais a linha da pobreza, revelando a questão latente deste estudo que será analisar os impactos nas trajetórias de vida das mulheres do campo da Ponte do Alta do Gama e os diálogos que estabelecem com as condições do território no contexto atual, e como estão sendo impactadas ao longo desses anos de grandes mudanças sociais, culturais, política na Ponte Alta do Gama.

Para relatar a história de vida das mulheres do campo e descrever a formação histórica do território rural da Ponte Alta do Gama será utilizado a tessitura artesanal, em especial o crochê, como forma de reunir as mulheres em rodas de conversas e em trabalhos colaborativos.

Durante os estudos que realizei no curso Escola da Terra, que me levaram a pesquisar sistematicamente a comunidade que trabalho a fim de compreender e identificar os desafios de uso e propriedade da terra, acesso ao trabalho, crescente desemprego, desvalorização da vida camponesa, organização coletiva, me levaram a perceber a realidade de pessoas desejosas por mudanças, mas que não sabem por onde começar. Foi quando fiz memória das minhas habilidades manuais, e que eu já tinha gerado renda extra com elas, me fazendo pensar se não era essa a oportunidade de difundir o artesanato como forma de mobilização social, geração de renda e principalmente como emancipação das mulheres do campo.

No início de 2022 coordenei um projeto para a comunidade escolar juntamente com o corpo docente da escola, quando realizamos uma manhã comunitária com atividades de: oficina de crochê, oficina de produção de biscoito caseiro e pizza, oficina de design de sobrancelha e um mutirão de plantio na horta escolar e de árvore frutíferas nos arredores da escola. O engajamento e as solicitações das mulheres por mais atividades como essa me motivaram a estudar suas trajetórias de vida, os processos de construção de suas identidades, envolvimentos em atividades culturais, sociais e políticas, e os tipos de trabalhos que geram renda e sobrevivência de suas famílias.

Assim esta pesquisa utilizará o artesanato, especificamente o crochê, como forma de interação social e troca de experiências entre as mulheres, para que possam narrar suas histórias de vida, resgatar sua identidade como mulheres do campo, valorizar o seu trabalho que é tão invisibilizado pela sociedade, além de identificar como estão enfrentando os desafios e transformações no território rural da Ponte Alta.

Muitas mulheres da comunidade da Ponte Alta se apresentam como únicas produtoras de renda familiar, através de pequenas produções agrícolas, outras necessitam trabalhar fora do campo para sustentar suas famílias e muitas estão desempregadas.

As autoras Silva e Eggert (2011) afirmam que destacar as atividades exercidas pelas mulheres referentes ao trabalho feito em casa implica reconhecer o histórico de participação ativa das mulheres na construção do todo social. Dessa forma, tanto o trabalho quanto as mulheres estariam em evidência, emergindo do anonimato para assumir seu lugar numa sociedade ainda regida pelo patriarcado.

Para Silva (2015) no que se refere à participação das mulheres no mercado de trabalho, sabe-se que ocorreu bem tardiamente, sendo marcado por dois grandes momentos históricos como desencadeadores desse processo: a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial, quando saem de casa e vão para as fábricas em busca de trabalho. Até esses momentos, podemos afirmar que cabia às mulheres sua participação apenas nos espaços domésticos, e as atividades produtivas com as quais se envolviam se referiam a esse espaço específico. Ainda afirma que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico.

A invisibilidade da mulher brasileira está entre as mais altas do mundo, e as mulheres do campo são ainda mais massacradas, de acordo com o Instituto Humanista Unisinos (2019):

As mulheres enfrentam mais restrições do que os homens no acesso à água, à titulação das terras, ao crédito rural, à assistência técnica e à compra de sementes. Elas também são mais discriminadas no mercado de trabalho e ocupam a maior parte dos serviços não remunerados (...)

Além de todas essas discriminações as mulheres do campo também sofrem vítimas do processo cultural de violência doméstica que assola o Brasil, processo esse muito combatido na cartilha do Movimento das Mulheres Camponesas – MMC (2022):

A violência, a discriminação das mulheres não é algo natural, foi naturalizado pelos processos históricos e pelas relações sociais, portanto, precisa ser desnaturalizado e pode e deve ser superado.

Diante do desafio de empoderamento feminino pela busca de seus direitos, se faz necessário desenvolver um processo sociocultural de valorização do indivíduo para que interfira no meio o modificando em prol de sua autonomia e fortalecimento da comunidade. De acordo com LEMES; PEREIRA, (2020):

O saber-fazer de um ofício pode reafirmar a identidade própria de um grupo de mulheres artesãs, possibilitando determinar suas referências a partir do bem imaterial, qual seja, o próprio fazer de uma produção manual, exclusiva, com caráter local, social, histórico e cultural.

A organização coletiva de mulheres através da identificação com ideias, desejos, necessidades políticas, econômicas, sociais, ou por qualquer outra forma de interação, é uma forma de se ajudarem, em suas dificuldades individuais, mas sobretudo de colaborarem para o desenvolvimento de sua comunidade.

Para (SCARDOELLI; WAIDMAN, 2011):

[...] para as mulheres, o grupo de artesanato representa uma saída da rotina, uma busca por momentos de prazer e uma ruptura com a tensão dos problemas cotidianos e se coloca em contraposição ao contexto em que elas vivenciam, muitas vezes, desgastante, extenuante e estressante; é uma forma de usufruir de momentos de expressão de criatividade, de gozo, de ocupação de espaço e tempos, de distrair, de rir, são momentos de cuidado de si, na busca por uma melhor qualidade de vida

Segundo a Proposta Didática para Construção do Inventário Social, Histórico e Cultural das Escolas do Campo (2019) à mulher foi negado o direito da escrita por séculos, assim ela necessitou transfigurar seu mundo através da arte do tecer como modo de expressar as injustiças que o mundo lhe impunha. Que o ato de tecer nunca é uma ação individual. Existe em si um trabalho coletivo que nasce lá no campo com a semeadura, cultivo e colheita do algodão, que sucede uma cadeia de trabalho até se transformar na linha que será tecida pelo artesão.

Na busca pela valorização dos conhecimentos de saberes populares GOHN (2010) afirma que a educação informal necessita desenvolver:

A aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos, aprendizagem para a cidadania; aprendizagem dos indivíduos para atuarem no mundo do trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades (...)

Assim uma grande potencialidade desenvolvida pelo ser humano durante várias gerações são as ligadas a criatividade. Segundo Fachone (2012), “a história do artesanato se confunde com a história do homem, pois a necessidade de produzir bens de uso rotineiro e ornamentos é expressão da capacidade criativa e do trabalho” (FACHONE, 2012, p. 61).

No universo ilimitado da criatividade e do artesanato, o Crochê (termo que quer dizer gancho) tem um especial destaque por agradar variadas faixas etárias independentes de classe sociais, sendo um conhecimento tradicional passado de gerações a gerações com as sutilezas e delicadezas das suas tramas.

De acordo com Saraiva (2015) “a origem do crochê remonta a pré-história e não é certo o lugar onde nasceu. Alguns registros citam o Oriente Médio como local de surgimento, podendo ter chegado a Espanha por rotas comerciais do Mediterrâneo. Também há registros remotos de peças de crochê na América do Sul, na América do Norte, Turquia, China e África. No Brasil o crochê foi difundido ainda no período colonial, por senhoras de engenhos que ensinavam a técnica as suas escravas”. (SARAIVA, 2015, p. 42-43)

O crochê além de geração de renda é um grande aliado para a saúde mental como forma de expressão criativa, de percepção da capacidade individual em transformar uma matéria prima em algo significativo, sem contar a satisfação em ver sua personalidade impressa em uma peça única, que conta histórias e emoções.

A delimitação do território de estudo desta pesquisa se dará na aérea denominada Ponte Alta do Gama, Região Administrativa do Distrito Federal, que de acordo com a CODEPLAN (2020) e com o Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal – PDOT faz parte de uma Zona Rural de Uso Controlado[[6]](#footnote-6).

A história de formação da Comunidade Ponte Alta remete a tempos anteriores a inauguração de Brasília ainda na década de 50 nas terras de Luziânia - GO, especificamente nas áreas geográficas das antigas fazendas: Bom Sucesso, Gama, Buriti e Tição, Tamanduá e Ponte Alta, que foram desapropriadas para constituição do Novo Distrito Federal.

Após as desapropriações das terras, que são até hoje motivos de disputas judiciais, a Fazenda Experimental Tamanduá tinha como proposta produzir alimentos para os moradores da futura capital do Brasil, juntamente com atividades de engorda de bovinos e produção agrícola de cana-de-açúcar.

Nesse período houve grande migração de pessoas de vários locais do país para trabalharem na região, em especial da região do Goiás, Minas Gerais e estados do Nordeste.

Ao longo dos anos algumas melhorias de infraestrutura foram sendo realizadas devido às necessidades e reivindicações da comunidade: como a implantação da energia elétrica entre 1969 e 1970 e a pavimentação da rodovia que liga a região local até o Gama no ano de 1972, hoje a Rodovia DF 290.

Na época dessa primeira pavimentação, havia várias fazendas com terras ociosas e outras, de propriedade da Terracap, e o governo indenizou maiores proprietários de terras, com o intuito de repassarem parte de suas terras para quem não tinham e queriam produzir. Em especial a Fazenda Bom Sucesso que era propriedade particular foi fracionada em módulos de no mínimo 2 hectares de área para serem vendidos, e até hoje corre na justiça processos de legalizações dessa área.

Devido a interesses políticos, em virtude de alguns políticos morarem na Ponte Alta e pela especulação imobiliária a finalidade produtiva inicial da área foi se alterando, diminuindo o cultivo da cana-de-açúcar e a criação de gado leiteiro passando a produção de hortaliças, culminando em 1975 na substituição da Fundação Zoobotânica pela atual Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, que assumiu parte da Fazenda Tamanduá, buscando novos caminhos de pesquisa e produção de hortaliças.

Atualmente a área da Ponte Alta está situada na sua maior extensão nos limites da cidade do Gama, mas também há uma pequena porção de terra dentro dos limites da cidade do Recanto das Emas.

Faz-se necessário ressaltar a importância da escola do campo inserida neste território que é o Centro de Ensino Fundamental Tamanduá - CEFTAM, uma vez que, foi através da Instituição de Ensino que as responsáveis pelos estudantes, mulheres do campo, se tornaram o objeto de estudo desta pesquisa.

Em 2016 a instituição de ensino foi declarada como Escola Pioneira do Distrito Federal, certificada pelo Museu da Educação do DF, título dado às escolas que iniciaram funcionamento antes da inauguração de Brasília, que no caso do CEFTAM foi no ano de 1959.

A história da escola se confunde a própria história da Ponte Alta, já que as demandas sociais, políticas e até financeira convergem para a instituição de ensino como local de referência para solução das problemáticas das mulheres do campo, que se sentem seguras para contar suas histórias de violências, de insegurança alimentar de suas famílias, de busca de auxílio para compra de medicamentos. Desta forma as demandas da escola são impactadas diretamente pelas mudanças ocorridas nos meios de produção, trabalho e uso da terra pela comunidade.

Hoje a Ponte Alta conta com distintos meios de produção e trabalho o que ocasionou naturalmente uma divisão dessa área em território menores, cada um com sua especificidade e que servem de ponto de referência e localização geográfica para toda comunidade, inclusive para o CEFTAM que utiliza esses territórios para traçar as rotas do Transporte Escolar Rural.

Para fins de estudo deste trabalho compreende-se como território o espaço físico no qual o sujeito vive e constrói relações político-sociais que podem modificar o meio com ações política, ambiental, cultural e sociais através de ações individuais ou pela força da coletividade (DISTRITO FEDERAL, 2018) e diante desta conceituação serão relacionados os seis principais territórios da comunidade:

* Condomínio Asa Branca: formado por 153 lotes de 300 m2; atualmente existe a escritura pública da área total do condomínio, que está em fase de regularização; de acordo com mapas da Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN a área faz parte da Região Administrativa do Gama e é considerada como Parcelamento Urbano Isolado – PUI chamado de Granjas Reunidas Asa Branca.
* Acampamento Che Guevara: acampados de lutas sociais pela reforma agrária com a bandeira da Frente Nacional de Luta Campo e Cidade – FNL.
* Bar do Gordo: devido suas belezas naturais oferece uma diversidade de opções de lazer, principalmente haras e pesque-pague; a menor chácara ocupa um espaço de 20.000m2 o que mantém a área preservada de parcelamento ou fracionamento irregular do solo.
* Cerâmica Santa Maria: Localizado próximo ao Centro de Tecnologias para Raças Zebuínas Leiteiras (CTZL), conhecida na comunidade como “Gado de Leite”; a ocupação desta área iniciou quando vieram as primeiras pessoas de Luziânia - GO em busca de trabalho na olaria Cerâmica Santa Maria; atualmente as terras estão divididas entre os moradores antigos e moradores recentes, porém, a área está na justiça para legalização, uma vez que o antigo proprietário da área faleceu e não deixou a escritura da propriedade aos moradores.
* Sindjus: principal ponto de referência o Clube Social do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário e do Ministério Público da União no Distrito Federal (SINDJUS); possui várias chácaras familiares formadas a partir da desapropriação da Fazenda Bom Sucesso; atualmente os moradores vivem em pequenas chácaras, algumas ainda não escrituradas em seus nomes; a posse das terras é uma questão que está tramitando na justiça, pois há outras pessoas que reivindicam a propriedade das antigas fazendas.
* Chácara Camargo: composto por três principais pontos de referência: Chácara Camargo – Chácara de agricultura familiar, Fazenda Leão de Judah – Turismo ecológico e agricultura e Frigorífico Boa Carne Ltda (Antigo Pontal Frigorífico) – Comércio atacadista de produtos hortigranjeiros; no ano de 2018 a Agência de Fiscalização do Distrito Federal (AGEFIS), tentou embargar as terras das chácaras; o processo de regularização ainda está na justiça.

A Ponte Alta durante esses mais de sessenta anos de constituição do Distrito Federal vem se modificando quanto a propriedade e meios de produção da terra e nas relações trabalhista. A princípios os trabalhadores rurais e suas famílias foram incentivados a fixar moradia, através das promessas do governo distrital de inventivos a agricultura comercial para a alimentação dos moradores do DF e pela promessa de reforma agrária com destinação a terras a quem queria produzir na área. Com o passar dos anos esses inventivos foram ficando cada vez mais escassos, a população cresceu e junto não houve o desenvolvimento rural esperado, fazendo com que o camponês buscasse outras formas de trabalho para sobreviver através de trabalhos assalariado de relação patronal.

Diferente da imigração ocorrida nos anos 60 onde os imigrantes eram advindos de outros estados da Federação com a pandemia de COVID19 houve um novo movimento de imigração de populações do próprio Distrito Federal, que por questões econômicas como falta de moradia, alimentação, segurança na área urbana, vieram para a área rural em busca de acolhimento de suas necessidades. E diante dessas mudanças sociais a proposta deste estudo será analisar os impactos que tais mudanças nas histórias de vidas das mulheres do campo da Ponte Alta.

Esta pesquisa terá uma abordagem qualitativa, por propor estudos de conhecimentos empíricos advindos da cultura, história, comportamentos sociais, criatividade, que são elementos da subjetividade dos seres humanos e suas relações com o meio social que vivem. De acordo com FLICK (2004) a pesquisa qualitativa se faz relevante, principalmente quando procura dissolver as “velhas” desigualdades sociais construída por generalizações, através da compreensão da diversidade de ambientes, subculturas, estilos e forma de vida, assim quando se falar de estudos sociais dentro de um território delimitado, o caráter generalista de uma dada situação, já não será tão relevante para todas as situações.

Para GIL (2002) o objetivo de uma pesquisa exploratória é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições mediante emprego de método científico, assim este estudo usará a pesquisa exploratória, para narrar as trajetórias de vidas das mulheres do campo da Ponte Alta do Gama analisando os impactos das transformações socioculturais e políticas de suas vivências na comunidade.

Será utilizada oficinas de produção artesanal de crochê como forma de aproximação, de reunião para troca de experiências e vivências, na qual as mulheres serão entrevistadas, de acordo com SCHLICHTING (2014) apud DISTRITO FEDERAL (2019):

Entrevista aberta e flexível [...] A entrevista é um dos instrumentos mais ricos para que se interprete uma realidade. Por meio dela o pesquisador pode abrir as portas para representações e interpretações dos informantes sobre a realidade em que vivem. O imaginário, explicações sobre as normas e valores, códigos de comunicação e comportamento, interpretações a respeito de atitudes e ações do grupo estudado, tudo isso pode vir à tona nas entrevistas. A entrevista com uma estrutura aberta, ou flexível é provavelmente a mais comum em trabalhos de campo que envolvem observação participante. Nela o pesquisador, mesmo seguindo um roteiro básico, com temas e perguntas a serem abordados, deve estar pronto para se adaptar ao cotidiano e às situações observadas. [...] O pesquisador poderá deixar o entrevistado à vontade, permitindo que ele realize alguns desvios do roteiro, caso as informações sejam interessantes, desde que ele seja conduzido de volta aos tópicos previstos neste roteiro estruturante. (SCHLICHTING, 2014 apud DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 52)

O crochê não será utilizado como forma de geração de renda, mas sobretudo para que as mulheres sejam ouvidas, e quem sabe se identifiquem e queiram produzir artesanato através de suas habilidades manuais, como expressão cultural, artística e política e a partir dali possam se empoderar buscando sua emancipação financeira.

Essa pesquisa baseia-se na busca de respostas para uma pergunta geradora: como mulheres do campo da Ponte Alta do Gama estão sendo impactadas pelas mudanças sociais, culturais e políticas do território e como essas mudanças têm atingido suas trajetórias de vida? Assim a linha de pesquisa utilizada será a pesquisa-ação, que de acordo com THIOLLENT (1986) está associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação, definindo-a como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14)

Thiollent (1986) ainda ressalta a importância da aplicação de noções de aspectos argumentativos na pesquisa-ação como método de pesquisa social:

a) colocação dos problemas a serem estudados conjuntamente por pesquisadores e participantes;

b) "explicações" ou "soluções" apresentadas pelos pesquisadores e que são submetidas à discussão entre os participantes;

c) "deliberações" relativas à· escolha dos meios de ação a serem implementados;

d) "avaliações" dos resultados da pesquisa e da correspondente ação desencadeada. (THIOLLENT, 1986, p. 31)

A pesquisa se dará em etapas de reconhecimentos dos atores da pesquisa: neste caso mulheres do campo responsáveis por estudantes do CEFTAM, que através das oficinas de aprendizagem de crochê, participarão de roda de conversa, entrevistas aberta e flexível com temas específicos para a construção das narrativas de suas histórias de vida, revelando suas situações econômicas, históricos, sociais, culturais e políticos. Também será utilizado filmagens, análise de documentos e fotografias para compor a descrição do trajeto de vida das mulheres como também da formação histórica da área rural da Ponte Alta do Gama.

O tratamento de dados desta pesquisa será baseado no método BARDIN (1977) para Análise de Conteúdo com suas etapas sendo:

Pré-análise: É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.

Exploração do material: Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas.

Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos. O analista, tendo à sua disposição ·resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Assim necessitando usar a avaliação por inferência durante todo o processo, pois a cada etapa realizada será necessária para a construção da próxima num movimento circular de ensino e aprendizagem.

Na análise de dados as informações continuaram sendo tratadas por categorias: saberes tradicionais, econômicas, trabalho, sociais, culturais e históricas e contará com uma categoria histórica descritiva da formação do território rural da Ponte Alta.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artesanato além de geração de renda é um grande aliado para a saúde mental como forma de expressão criativa, de percepção da capacidade individual em transformar uma matéria prima em algo significativo, sem contar a satisfação em ver sua personalidade impressa em uma peça única, que conta histórias e emoções.

Para tanto necessitam desenvolver soluções que auxiliem a comunidade, principalmente no tocante a organização coletiva do trabalho artesanal, reavivando os conhecimentos e tradições populares que possam gerar renda e qualidade de vida para o sujeito camponês.

A realidade da comunidade da Ponte Alta quanto ao desenvolvimento regional e a valorização do sujeito camponês, de seus modos de vida e produção da terra, são áreas que devem ser melhor desenvolvidas, com políticas públicas de financiamento, formação de cooperativas ou de movimentos que militem a causa camponesa, já que essa comunidade tão antiga no Distrito Federal, aos poucos está sucumbindo a necessidade de trabalho assalariado fora do campo, ao desemprego e as mudanças de características do sujeito camponês.

**REFERÊNCIAS**

BARDIN, Lawrence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p. ISBN 972-44-0898-1.

COSTA, M. P. S. C. da. A ocupação urbana do Distrito Federal por meio das ferramentas de Pierre Bourdieu. Revista Brasileira de Ciências Policiais, Brasília, Brasil, v. 13, n. 9, p. 131–157, 2022. DOI: 10.31412/rbcp.v13i9.923. Disponível em: <https://periodicos.pf.gov.br/index.php/RBCP/article/view/923>. Acesso em: 11 maio. 2023.

DISTRITO FEDERAL (DF). Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Educação da Educação Básica**: Pressupostos Teóricos. 2ª. ed. Brasília: SEEDF, 2018.

DISTRITO FEDERAL (DF). Secretaria de Educação do Distrito Federal, **Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública do Distrito Federal de Ensino**, 1. ed., Brasília: SEEDF, 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Inventário. Proposta Didática para Construção de Inventário Social, Histórico e Cultural das Escolas do Campo da SEDF**, Brasília, 2019.

DISTRITO FEDERAL. Pressupostos teóricos. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Brasília: SEEDF, 2014.

FACHONE, Savana Leão. Design e artesanato: o sentido do fazer manual na contemporaneidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed e Bookman, 2008. Cap.2

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2018. Cap. 2

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO HUMANISTA UNISINOS. **Violência contra mulheres no campo cresce 377% em 2018; casos incluem tentativas de assassinato e criminalização**. [S. l.], 2019.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588446-violencia-contra-mulheres-no-campo-cresce-377-em-2018-casos-incluem-tentativas-de-assassinato-e-criminalizacao>. Acesso em: 17 abr. 2022.

LEMES, B. X.; PEREIRA, A. F. Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs. **Multitemas**, p. 169–190, 12 mar. 2020.

MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS. **Cartilha: Feminismo Camponês e Popular**. In: Cartilha Feminismo Camponês e Popular. [S. l.], 2022.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1pfBR7QDtXs_HlF2f8gNkvNbj3BofpSpN/view>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SARAIVA, R. C. F. Dona Carmosa: 100 anos tecendo a vida. Brasília DF. 2015

SCARDOELLI, M. G. C.; WAIDMAN, M. A. P. Grupo de Artesanato: Espaço favorável à promoção da saúde mental. **Esc Anna Nery**, p. 291–299, 2011.

SILVA, Márcia Alves; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a “madresposa” − a busca da autonomia por meio do trabalho manual. In: EGGERT, Edla (Org.). Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul. 1. ed. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2011. p. 39-57

SILVA, M. A. DA. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, n. 55, p. 247–260, mar. 2015.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2ª Edição. São Paulo. Cortez Autores Associados, 1986.

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília (UnB), gonzaga.elizabeth@aluno.unb.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta da Universidade de Brasília, atuando na Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB), coellyrfs@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Curso de Aperfeiçoamento para professores da Educação Básica das Escolas do Campo do Distrito Federal. [↑](#footnote-ref-3)
4. Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. No Brasil a pandemia de Covid-19 de iniciou em fevereiro de 2020. [↑](#footnote-ref-4)
5. Centro de Ensino Fundamental (CEF) é a terminologia usada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal para designar as Instituições Públicas de Ensino que ofertam os Anos Iniciais e Finais da Educação Básica. O CEFTAM além dos anos iniciais e finais da Educação Básica atende a comunidade com turmas de Educação Infantil e Classe Especial para alunos com deficiência intelectual. A escola está localizada na Rodovia BR 060 Km 61 Ponte Alta do Gama, DF. [↑](#footnote-ref-5)
6. Lei Nº 803, DE 25 DE ABRIL DE 2009 - Art. 87. A Zona Rural de Uso Controlado é composta, predominantemente, por áreas de atividades agropastoris, de subsistência e comerciais, sujeitas às restrições e condicionantes impostos pela sua sensibilidade ambiental e pela proteção dos mananciais destinados à captação de água para abastecimento público. [↑](#footnote-ref-6)